

Por uma filosofia do futuro em Ludwig Feuerbach*

For a philosophy of the future in Ludwig Feuerbach

Luis Guilherme Stender Machado

lg.01@hotmail.com

(Universidade Federal do Ceará, Ceará, Brasil)

Resumo: É possível pensar em uma filosofia que quebre com os ideais metafísicos-religiosos e traga o materialismo em seu escopo? É nessa perspectiva que pensaremos com o filósofo Ludwig Feuerbach sobre sua *filosofia do futuro*. Trata-se de mostrarmos como a religião e os deuses não passam de criações humanas e como essas criações se viram contra seu criador, tornando Deus um ser superior e empobrecendo o humano. Nesse sentido, Feuerbach propõe um pensamento que leva em conta o materialismo, a comunidade humana e a natureza, em contrapartida, prevê a negação da religião, dos dogmas teológicos e de todos os idealismos.

Abstract: Is it possible to think of a Philosophy that breaks with metaphysical-religious ideals and brings materialism into its scope? It is in this perspective that we will think with the philosopher Ludwig Feuerbach about his *philosophy of the future*. It is about showing how religion and the gods are nothing more than human creations and how these creations turn against their creator, making God a superior being and impoverishing the human being. In this sense, Feuerbach proposes a thought that takes into account materialism, the human community and nature, on the other hand, foresees the denial of religion, theological dogmas and all idealism.

Palavras-chave: ateísmo; religião; antropologia; filosofia do futuro; materialismo.

Keywords: atheism; religion; anthropology; philosophy of the future; materialism.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v29i1p.13-29>

Introdução

Quando pensamos em todas as manifestações, criações e construções humanas - sua cultura, arte, valores, etc. - é praticamente impossível fazermos essa análise

* Texto ampliado, retirado da dissertação “Homem, Religião e Natureza: A materialidade no projeto de filosofia do futuro em Ludwig Feuerbach” (2017).

de forma completa, sem levarmos em conta o fenômeno religioso. A religião,¹ para além do âmbito metafísico, possui um caráter cultural e, se é assim, é possível afirmar que possui, conseqüentemente, um caráter antropológico.

É possível notar que a religião (seja de forma mais primitiva ou mais organizada) está presente em quase todas - senão em todas - as civilizações conhecidas, desde a origem da humanidade. Ou seja, termos conhecimento de civilizações ancestrais que não possuem cultos, deuses, mitos e lendas sobrenaturais é quase unimaginável; já o contrário, é praticamente uma lei geral. Em várias eras históricas, em diferentes continentes e regiões, podemos ver a presença de crenças religiosas e metafísicas. Esse fato já poderia ser um bom argumento para nos mostrar que a religião e a existência do sobrenatural seria algo indubitável. Porém, ao nos aproximarmos das especificidades de cada religião, veremos as especificidades das sociedades que as cultuam. Em nossa análise, veremos que a religião é muito mais natural, material e humana do que uma manifestação divina.

O sentimento religioso está ligado a nós de maneira instintiva; é como se houvesse uma necessidade quase que existencial de nos entendermos, de sabermos lidar com o mundo, com a vida, com o acaso, de afirmar o que foge à nossa explicação, uma vontade de culto ao sobrenatural. A explicação dos acasos da vida, problemas pessoais e até fenômenos naturais a partir de deuses ainda é preferível para grande parte das pessoas; o moralismo e a ideologia religiosa são culturalmente diluídos no senso comum e adotados pela nossa sociedade; os líderes religiosos ainda conseguem influenciar a política, a vida pública e nossa vida cotidiana. Por isso, podemos afirmar que a religião nos evidencia um fenômeno que está acima da revelação divina: por detrás dela, encontramos uma lógica consistente das formas de pensar e agir do ser humano.

Nesse sentido, nosso trabalho é o de mostrar que, se existe uma tendência humana para a religião, ela se baseia na nossa própria condição de incompletude e finitude. E é dentro desse contexto que o filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872) nos traz reflexões relevantes e indispensáveis para nossa discussão. Feuerbach é um dos primeiros e mais conhecidos filósofos contemporâneos a tratar do fenômeno religioso. Conhecido como um dos fundadores do que pode ser chamado de “ateísmo moderno”, afirma que a religião não deve ser tratada e explicada a partir de manifestações do sobrenatural, que ela está, acima de tudo, aplicada à humanidade e deve ser entendida como uma expressão puramente humana.

1 Por religião entendemos qualquer tipo de crença, divinização ou culto a seres divinos (naturais ou sobrenaturais) e metafísicos. Trataremos religião, nesse momento, como um sentimento subjetivo, uma forma de manifestação humana não organizada, não-dogmática e não-objetiva, ou seja, como diferente de teologia.

Da criação humana da religião

O sentimento religioso é algo presente na essência humana², e está relacionado à percepção da transitoriedade, da finitude:

a religião é essencial ou inata ao homem; não a religião no sentido da teologia ou do deísmo, da própria crença em Deus, mas a religião enquanto nada mais expressa que o sentimento de finitude e dependência da natureza por parte do homem (Feuerbach, 2009, p.48).

O sentimento de finitude é um dos maiores responsáveis pelo sentimento religioso. A percepção que se é finito é uma das primeiras constatações humanas. Quando o ser humano toma consciência de si, terá junto a isso algumas outras percepções: que possui limitações físicas e intelectuais; que é o único ser de natureza que possui essa autoconsciência; e o entendimento que é finito. A partir disso, se darão alguns desdobramentos: se o ser humano é o ser mais consciente, então é o ser mais completo e, até mesmo, mais superior dentro da natureza; mas, se mesmo o ser mais completo ainda é limitado e finito, é provável que exista algo além, algo que supra essas lacunas, que também seja racional, porém, ilimitado e infinito.

Todavia, é importante salientarmos que, de forma alguma, o sentimento de finitude fará com que o ser humano comece a criar seus deuses de forma consciente. É difícil imaginar que alguém crie um ser sobrenatural simplesmente para se satisfazer pessoalmente, para tomar um “atalho filosófico” e, de uma hora para outra, resolver todas as questões existenciais, como uma espécie de *Deus ex machina*. O que queremos mostrar aqui é que o sentimento de finitude e a consciência da limitação servirão de mola mestra para se pensar a provável existência de um ser superior. O ser humano não cria seus deuses por vontade própria, mas pensar sobre um ser infinito e independente é um desdobramento lógico a partir da constatação de que se é finito e dependente. Melhor dizendo, a religião é uma manifestação instintiva a partir de um sentimento que pertence à natureza de qualquer ser consciente.

De acordo com Feuerbach, somos os únicos a possuir um tipo de consciência mais aguçado. Somente o ser humano é capaz de sair de sua particularidade, de se reconhecer como sendo parte de um grupo de semelhantes, de um gênero. Ou seja, “consciência [...] existe somente quando, para um ser, é objeto o seu gênero” (Feuerbach, 2009a, p.35). Nosso autor afirma que somos os únicos seres a possuir uma vida dupla: uma interna e outra externa. Na vida interna, o ser humano tem

² O termo em alemão utilizado por Feuerbach é *Wesen*, comumente traduzido como “essência”, mas também pode significar “natureza”. Para melhor entendimento no nosso estudo, aqui não se deve entender “essência” como algo metafísico, mas como um conjunto de características comuns a determinada coisa, sua natureza. Nesse caso, a essência da religião está relacionada com a finitude; não significa algo que existe de forma antinatural, mas é exatamente algo da natureza humana, um fato comum a todos.

uma relação consigo mesmo, com sua imaginação e com seus sentimentos. Já na vida externa, se relaciona com o outro, com seu semelhante (seu gênero), e partilha o que há de comum na condição humana (como se comunicar, socializar, se reproduzir, etc.). É por isso que, diferente dos outros animais, somos os únicos a possuir empatia, a conseguir se colocar no lugar do outro, a sentir felicidade, tristeza, angústia, dor, etc., mesmo que isso não esteja acontecendo conosco. Essa tensão entre indivíduo e gênero é um fator exclusivo e distintivo no ser humano com relação ao animal, por exemplo (cf. Chagas, 2004, p.89)

O filósofo explica que o *outro*, meu semelhante, é a peça-chave para que eu entenda a minha própria existência; “somente através do outro torna-se o homem claro para si e consciente de si mesmo” (Feuerbach, 2009a, p.105). Quando entendo que possuo diversas semelhanças com quem se relaciona comigo, caio na realidade do meu próprio *eu*. A partir do momento em que eu sou consciente da finitude do outro, me torno automaticamente consciente da *minha* própria finitude, me torno autoconsciente.

A relação do *eu e tu*, como é chamada por Feuerbach, é um dos pontos fundantes para a criação de um deus, pois quando o sujeito percebe e se vê finito, limitado e dependente começa a sair de sua própria subjetividade, a tomar consciência do mundo, a se relacionar com seu lado mais universal, seu gênero. “Assim é o homem o Deus do homem. O fato de ele existir deve ele à natureza, o fato de ele ser homem deve ele ao homem” (Feuerbach, 2009a, p.105). Se o sentimento de finitude é o que dá início a um futuro pensamento religioso, pode-se dizer que esse sentimento só é possível pela relação entre a consciência humana e o que está fora dela. A criação de um deus ocorre quando o ser humano é tomado pelo sentimento de finitude, de dependência com relação ao outro e a natureza. O ser humano só sabe que é finito pela existência do outro. É somente através da morte do outro, por exemplo, que eu posso experimentar o meu próprio fim. Caso não fosse assim, e só lidássemos com o nosso próprio fim, nunca teríamos consciência dele. O *eu* só se conhece através do *tu*. “A verdade que subsiste no fundo é a essência do homem: a unidade que existe da consciência de si mesmo com a consciência de um outro que é idêntico e de um outro que não é idêntico” (Feuerbach, 2009a, p.104). Ao percebemos o outro conseguimos vislumbrar nossa universalidade, o infinito. A imaginação apreende o infinito e cria um novo ser que abstrai as limitações da individualidade humana. A imaginação com relação ao outro surge na expectativa: quando imagino que o outro seja capaz de fazer o que eu não faço. Se eu tenho a capacidade de sair de mim e de imaginar o outro fazendo algo que me é impossível, também possuo a capacidade de imaginar um ser que faz tudo de forma perfeita e absoluta. É precisamente aí que me conecto com a ideia de ilimitação e infinito. A partir dessas características, supomos, prevemos e especulamos coisas que criamos a partir do nosso próprio ponto de vista,

de nossa própria imaginação. Somos capazes de imaginar o que é agradável (ou não) para o outro porque sabemos o que é agradável para nós mesmos. Por sermos conscientes, temos a capacidade de sairmos de nós mesmos e nos projetarmos em outras coisas, outros seres.

Porém, é justamente pela falta de consciência dos atributos do gênero que o ser humano (inconscientemente e através da imaginação) transporta todas as características genéricas para um novo ser, que é divinizado. Seria um contrassenso, no caso da religião, adorar a si mesmo; adora-se um outro, algo que está acima de si. Caso contrário, não haveria um porquê da religião; se houvesse uma consciência plena e voluntária das faculdades humanas, não haveria a necessidade de deuses. O fato de a imaginação ser a responsável pelo movimento da criação divina (e não uma consciência racional) é um ponto fundamental, “porque a falta de consciência desse fato é exatamente o que funda a essência particular da religião” (Feuerbach, 2009a, p.45).

Se, por um lado, Feuerbach defende a religião com base na finitude, por outro, fica bastante claro que o motivo para o entendimento, criação e crença em deus está na infinitude do gênero humano. O que parece um paradoxo feuerbachiano, na verdade é a chave para entendermos seu pensamento, pois a religião se baseia no desconhecimento das ilimitações do gênero humano, ao mesmo tempo que se mostra como uma não aceitação das limitações do indivíduo. “Todas as religiões vivem da produção de imagens de entidades ideais e têm por base o poder ilimitado da imaginação e esta, por sua vez, sustenta-se na dimensão fundante do desejo” (Serrão, 2009, p.23). Por não se aceitar como limitado, o ser humano imagina algo acima dele, mas por não ter consciência de seu próprio gênero, o que é imaginado acima do indivíduo - ao invés de ser a própria humanidade - é chamado de Deus. Se o ser humano entendesse que a humanidade é ilimitada, não haveria religião. Ao mesmo tempo, se o indivíduo se aceitasse como limitado, não projetaria sua própria personalidade - sua própria vontade, seus anseios e desejos mais profundos - em um deus.

Temos, portanto, que no movimento religioso o ser humano sai de si, universaliza-se criando um novo ser; se reconhece nesse novo ser e volta a si. “Religião”, que provém da palavra latina *religare* (religar o humano com o divino, reestabelecer a conexão do carnal com o espiritual), ganha um novo sentido na filosofia de Feuerbach: é o religar o ser humano consigo mesmo, com seu gênero e suas potências; a religião é a primeira consciência do ser, o faz se autoconhecer.

Se deus antes era entendido como o sujeito da criação, agora ele é apenas um reflexo dos predicados humanos. Se antes deus criava o homem à sua imagem e semelhança, agora é o homem que cria deus à sua imagem e semelhança. Se antes o homem dependia de deus, agora deus depende do homem, pois “quando o homem

acaba, acaba também a religião” (Feuerbach, 2009, p.278). A partir daqui deus não é mais a causa primeira, mas sim uma consequência do pensamento humano. Se, portanto, quisermos entender deus, temos que entender o humano como indivíduo e como gênero; nas palavras do próprio Feuerbach: “teologia é antropologia” (Feuerbach, 2009a, p. 45-46)

Da inversão teológica

Nessa perspectiva, podemos elencar o cristianismo como o ápice da ideia de deus, tanto por sua relevância quanto pela sua capacidade de aglutinar todos os sentimentos humanos, todas as perspectivas, todas as crenças anteriores, em um único ser. O deus cristão supera as barreiras nacionais das sociedades da época em que foi criado, é um deus cosmopolita e universal. Em contrapartida, a universalização de Deus faz com que o indivíduo perca, em certo sentido, uma identificação com o divino, da forma como ocorria nas religiões mais “nacionais”. Um deus ilimitado e perfeito reflete, de maneira geral, o gênero humano, mas não carrega consigo as contradições que se encontram em cada indivíduo. Por isso, quando a teologia³ toma a frente da religião, o ser humano muda sua relação com o divino, pois agora é apenas um ser inferior a Deus.

Entretanto, não devemos entender que a teologia substitui completamente a religião, mas, em certo sentido, a condiciona e a transforma. Feuerbach percebe que, com o pensamento teológico, fica mais claro que o ser humano cria seus deuses à sua imagem e semelhança. Além disso, fica mais claro ainda que, para que esse deus exista como um ser que está acima de todas as coisas, a humanidade deve ser empobrecida. E nesse movimento se faz o que poderíamos chamar de *inversão teológica*. É certo que, no pensamento religioso em geral, o sujeito já saía de si e se projetava em um novo ser, mas, no caso da teologia cristã,⁴ quando esse mesmo sujeito volta a si, volta como o oposto do ser que criou. Ao fazer de deus um ser objetivo e universal, a teologia cristã rompe com a humanidade, pois exterioriza o que estava em seu interior, dá nome e regra a um sentimento individual, separa de

³ Entendemos *teologia* como o pensamento reflexivo em relação a Deus. Para o nosso estudo, *teologia* é diferente de *sentimento religioso* na medida em que representa um pensamento racional sobre um fenômeno sentimental e, acima de tudo, um pensamento universal - e cultural - sobre um fenômeno individual. Concordamos com Serrão, que na apresentação de *A essência do cristianismo* afirma que “‘Religião’ refere uma atitude humana fundada na afetividade e de índole predominantemente emocional, frequentemente usada na acepção de religiosidade, como sinônimo de sentimento religioso ou de ‘fé viva’; por sua vez, o termo ‘teologia’ engloba as construções dogmáticas, todo o aparato sofisticado e argumentativo que pretende teorizar, legitimar e disciplinar a crença religiosa, que assim vê transformada em objeto de demonstração e de disputa, em ‘fé morta’” (Serrão, 2002, p. 12-13).

⁴ Podemos, a partir de agora, entender *cristianismo* como o conjunto de dogmas, pensamentos e representações religiosas que tomam por base a *teologia*.

forma cruel Deus do humano, e inverte os papéis de forma definitiva. Se antes deus era um ser dependente da afetividade, da comunidade e de uma nação, agora esse deus tem existência própria e independente, “Deus não é somente um ser para nós, um ser em nossa fé, em nossa afetividade, em nossa essência, ele é também um ser por si, um ser fora de nós” (Feuerbach, 2009, p.205). O grande papel da teologia é o de afirmar o que Deus é, provar a sua existência.

“E criou Deus o homem à sua imagem” (Genesis 1:27). O que a *inversão teológica* nos diz? Deus torna-se agora o ser ativo, o agente da criação em oposição ao homem, o ser passivo. Deus e homem, de uma igualdade para uma oposição absoluta: se Deus é perfeito, ilimitado, imortal, onipresente, onipotente e onisciente, o homem é imperfeito, limitado, mortal e concupiscente. Esse deus pessoal agirá como um juiz e implementará uma ética própria que beneficiará seus cumpridores. Com o pensamento de que Deus está ao lado de quem o obedece e contra quem o desobedece, tornam-se “justificáveis” as mais brutais formas de manipulação e dominação.

Feuerbach atenta, de forma crítica, para os problemas da religião. O seu papel é o de demonstrar que o cristianismo promoverá um verdadeiro desacordo a partir do momento em que faz com que o ser humano negue seu mundo e a si mesmo com vistas a um mundo e a um ser que está presente somente na sua fantasia. O filósofo defende que a sua relação com a religião não é “somente negativa, e sim crítica “[...]. A religião é a primeira consciência humana de si mesma. As religiões são sagradas exatamente porque são as tradições da primeira consciência” (Feuerbach, 2009a, p.267).

A imposição de um deus, uma ética e um mundo que estão acima do bem e do mal recebem uma visão extremamente negativa na filosofia feuerbachiana que é, acima de tudo, um elogio à humanidade e à natureza, e não uma forma vergonhosa de existência baseada no pecado e no infortúnio.

Primeiramente, a teologia cristã irá mostrar o ser humano como uma criação divina; logo após, irá opor homem e Deus: o homem é um ser concupiscente, é um pecador por natureza. A ideia de Deus como um criador de leis e, ao mesmo tempo, juiz dessas leis será um dos pontos fundamentais para a negação humana de si mesma e da materialidade. É justamente nesse ponto que a humanidade se perderá de si.

Para o pensamento teológico-cristão, o ser humano é um ser impuro por ser um ser sexual. A sexualidade (que é um atributo humano e não divino) será vista como algo errado, algo a ser escondido, vergonhoso: a virtude está na negação da sexualidade, na “pureza” da virgindade, ou seja, na negação de um dos atributos mais fundamentalmente humanos e naturais. Além dos desejos sexuais, vistos como luxúria, quando se chega no excesso de outras carências humanas, esses não são vistos como algo que precise de equilíbrio ou de moderação, são pecados capitais

e precisam ser punidos e culpabilizados, como, por exemplo, a fome (vista como gula), o cansaço (visto como preguiça), o nosso apego à materialidade (visto como avareza), a ira, nosso orgulho e nossa inveja.

Soma-se, além de todos esses fatos, que a figura de Jesus como um modelo humano da lei de Deus acentuará toda essa negação. Ter um Deus perfeito, que não possui sentimentos ou contradições, que não possui carências e é apenas um juiz fará com que o indivíduo não se reconheça nesse ser. Por isso, um dos pontos diferenciais do cristianismo para o judaísmo é termos um deus que se identifica com a humanidade enquanto gênero, e um deus que se identifica com o indivíduo: a figura e a história exemplar do pensamento cristão, a representação de sua ética, que mostra como nós deveríamos nos portar e conduzir nossas vidas: a história de Jesus Cristo.

Cristo seria o modelo, a representação de amor ao próximo, de perdão, uma forma de reconectar o indivíduo a Deus. Mas, analisando de uma outra maneira, veremos que Jesus também é uma negação da humanidade enquanto materialidade, instinto e natureza. Cristo é nascido de uma virgem, “pura”, que não comete o “pecado da carne”, ele mesmo também não comete tal pecado. Para permanecer na pureza, nega todas as carências humanas, ao mesmo tempo em que opera milagres, cura doenças, multiplica comidas, sabe do futuro, ressuscita mortos e a si mesmo. Tudo que Jesus faz é antinatural e anti-humano, nega a materialidade, traz a visão de que esse mundo é superado pelo paraíso, e esse paraíso só poderá ser alcançado por quem seguir seu exemplo, ou seja, para quem nega a si e ao mundo em que vive.

A partir disso, podemos nos perguntar o que isso representa a nós? O que Feuerbach pretende mostrar ao afirmar que a teologia promove, essencialmente, uma inversão? O filósofo afirma que quando o sujeito passa a submeter-se a um ser superior e nega a si está, conseqüentemente, negando a humanidade. Quando segue o exemplo de Cristo, está negando seu próprio instinto natural, suas próprias carências. Haverá culpa e medo toda vez que seguir seus atributos humanos. Além disso, quando acredita que essa negação lhe trará o milagre e o paraíso, desacredita na natureza, nega o mundo que o cerca e sua própria existência material em detrimento de uma improvável vida eterna, onde não terá mais nenhuma carência, vontade ou necessidade. Existe aqui uma cisão do ser humano consigo mesmo e com a sua própria materialidade.

Para uma filosofia do futuro

A partir de todas essas observações críticas, podemos chegar à conclusão, junto a Feuerbach, sobre o que seria, no nosso ponto de vista, sua proposta máxima, a esperança no materialismo como *filosofia do futuro*, e nos perguntar sobre a relevância dessa *filosofia do futuro* nos dias atuais. Feuerbach nos leva para uma

nova perspectiva de pensamento sobre a nossa relação com a religião. Seus escritos nos revelam que, se adoramos alguém, esse alguém é, verdadeiramente, nós mesmos. Se o dependemos de alguém, essa dependência é a dependência do outro (humano e não-humano). Uma das grandes consequências do cristianismo foi a separação do humano de si mesmo e do outro; foi a falsa impressão de que a humanidade só necessitava de Deus. Nada de humanidade e natureza, o cristão só precisa ter fé, desviar da tentação e do pecado e terá, por fim, sua vida eterna, paradisíaca e feliz. Porém, o que se vê em Feuerbach é uma proposta - que se faz parecer com um grande desejo pessoal - de união da comunidade humana.

Ao defender a identidade de Deus com o homem, Feuerbach procura nos mostrar que toda a ideia de uma imagem divina é pura ilusão, mas as consequências dessa ideia são extremamente reais. Sendo assim, as intenções do filósofo são claras: contra toda a opressão, engano e alienação é necessário que haja uma mudança profunda nos parâmetros culturais da humanidade, é necessária uma mudança fundamental que reestabeleça a liberdade humana. Transformar toda a fé, confiança e amor que se tinha em Deus, “numa adoração e num amor consciente, correto, racional” (Feuerbach, 2009, p.283).

Mas a proposta feuerbachiana é árdua, penosa e necessita de coragem. A extinção de ideias tão fortemente estabelecidas como as ideias da religião, ocasionariam uma nova forma para encarar a existência. A religião funciona, acima de tudo, como um alento, uma forma menos cruel de passar a vida, contudo, mais enganosa e opressora. Por isso, um abandono completo desse modo de pensar torna-se uma tarefa - à primeira vista - quase inalcançável. “Como é agradável passear sob proteção do cuidado celestial e com é triste e inconsolável se expor diretamente, como descrente, aos impertinentes meteoros, granizos, tempestades e insolações naturais!” (Feuerbach, 2009, p. 231).

A própria religião, ao mesmo tempo em que se mostra como uma alternativa de proteção e amparo aos medos e dúvidas humanas, cria artifícios para que o ser humano tenha mais medo ao pretender desligar-se dela. O acordo religioso é um acordo tenso, Deus é implacável com aquele que o “abandona”, por isso, a relação humana com o divino produz amor e ódio, adoração e medo. Deus é amável quando é amado, mas torna-se odiável pelo fato de poder ser um sentenciador, de ter poder sobre a vida e a morte.

A religião torna seu poder absoluto e enraizador, e o sujeito se deixa dominar completamente pela tentativa de ser feliz e pelo medo de ser infeliz. Ao cristão, é imposto uma moral e um modo de vida preestabelecido. Este é dominado quase que por vontade própria, pois adequa seu modo de vida a essa lei aparentemente absoluta, universal e verdadeira. Não há, no mundo cristão, uma moral fora do princípio divino; quem não segue ou não acredita em Deus é um ser imoral. A religião se apossa do

religioso: só Deus é a verdade e só a verdade divina liberta da periculosidade do mundo da natureza. Aquele que se devota à religião crê nas coisas acima da razão, crê a partir da própria fé e, por isso, perde o senso crítico e a clareza de percepção das consequências negativas da religião, perde - ou antes, entrega - sua liberdade e fica aquém de uma vida mais integral e plena.

Viver a filosofia de Feuerbach significa uma recusa. Uma recusa a todo o padrão vigente. Significa desconstruir toda a base que ampara a humanidade e criar uma nova forma de pensar, de agir e de se relacionar, é não somente negar a religião em si, não somente negar a existência de Deus, mas romper com toda a égide cultural que foi enraizada ao longo do tempo.

Devemos perceber, porém, que, para além do fator cultural, a criação de deuses e religiões (principalmente no princípio) se dá por conta de desconhecimento. A dúvida e a aparente falta de sentido para a vida trazem medo, esperança e dependência de um ser que existe apenas para a satisfação do seu criador. Ou seja, Deus é uma saída para os problemas mais fundamentais, e a legitimidade de sua existência se dá justamente quando esse problema - dúvida ou necessidade - aparece. Porém, na medida que essas dúvidas vão sendo sanadas e essas necessidades são satisfeitas através de alternativas mais efetivas, a existência divina perde força e fundamento. Ou seja, quanto mais se sabe sobre a natureza e o funcionamento das coisas, menos é necessário voltar-se a um ser sobrenatural e, dessa forma, o temor a um deus se dá basicamente de duas formas: ou ao que ainda não se sabe, ou sob uma forma ética.⁵

Feuerbach presenciou o auge e a esperança depositada na ciência do século XIX e percebe o quanto os paradigmas estavam em constante mudança com novas invenções científicas, ao passo que antigos dogmas religiosos eram postos em dúvida por conta dessas novas descobertas. Feuerbach percebe que a humanidade é a grande responsável pela sua própria evolução intelectual. “Quatro mãos têm mais poder do que duas, mas também quatro olhos veem mais do que dois” (Feuerbach, 2009^a, p.105). O que não era entendido na geração anterior pode ser entendido na próxima; e a limitação do indivíduo não é necessariamente a limitação de todos os indivíduos. A conclusão a que se chega a partir dos escritos de Feuerbach é que o conhecimento não é divino, mas humano. O gênero humano tem a potência da onisciência. Por isso, nos é válido perguntar sobre a pertinência do pensamento de Feuerbach no nosso atual contexto. Diante de uma nova onda religiosa, onde a ética conservadora irá se apoiar no medo, na enganação e no ressentimento, repensar o poder da união humana, a nossa potência criadora é uma saída extremamente poderosa para pensarmos o futuro.

⁵ Como, por exemplo, as incertezas sobre a morte, que levam os religiosos a acreditarem numa vida *post mortem* e que essa vida só pode ser alcançada se o crente possuir uma vivência de acordo com os princípios éticos da religião adotada.

A aposta de Feuerbach está na sabedoria humana, na ilimitação intelectual do gênero humano - que fora erroneamente depositado em Deus. Feuerbach crê na comunidade humana, na vida em sociedade, em parceria com o outro, defende um princípio de conhecimento compartilhado, onde se entende que ninguém pensa sozinho, qualquer pensamento é fruto de um pensamento ou conhecimento anterior e coletivo. O pensamento só existe a partir do meio em que está inscrito, e esse pensamento, por sua vez, é fluido e permanece em infinita mudança através do tempo. “Mas o que o homem isolado não sabe nem pode sabem-no e podem os homens em conjunto. Assim, o saber divino que conhece ao mesmo tempo todas as singularidades tem a sua realidade no saber da espécie” (Feuerbach, 1987, p. 49). Ora, se todo o conteúdo da religião advém do pensamento, da imaginação, da vontade e sensibilidade humana, então a sabedoria e a lei divina não passam de uma sabedoria e lei humana. Se pensarmos nessa perspectiva, teremos dimensão da força intelectual do gênero humano, que é capaz de se realizar e de se reger sem a necessidade de um outro ser - e o vem fazendo, porém, de forma autoenganada e com consequências indesejáveis. A aposta de Feuerbach dá-se, portanto, nesse autorregimento, na conciliação do “eu” com o “tu”, na comunidade humana, que agora, sem uma perspectiva metafísica, usa a força da sua própria sabedoria, cultura e lei para um bem maior, sempre levando em conta sua base na natureza.

A consciência da infinitude do gênero faz com que o sujeito não se veja como um escolhido por Deus ou como um ser independente do outro, mas como alguém que, apesar de sua finitude, faz parte de um todo infinito. Ao mesmo tempo, a filosofia feuerbachiana traz consigo a naturalidade da inevitabilidade da morte. Saber da finitude faz com que nos se dediquemos plenamente a essa vida e busquemos uma melhor harmonia com o outro e com a natureza. “Igualmente sei que sou um ser finito, mortal, que um dia não mais existirei. Mas julgo isso perfeitamente natural e por isso sinto-me inteiramente conciliado com esta ideia” (Feuerbach, 2009, p. 49).

Todavia, o entendimento e prática dessa relação finitude-infinitude só é possível a partir de um autoentendimento. Ou seja, a condição necessária para a prática do pensamento defendido por Feuerbach é a consciência de que não necessitamos de nada que já não exista no mundo, na comunidade e na natureza. “Todo ser se basta a si mesmo” (Feuerbach, 2009a, p.40). Todo ser bastar a si mesmo não significa que o indivíduo não necessite de nada, seja autossuficiente. O que se nota aqui é um pensamento que tem como base o desapego ao divino, ao sobrenatural. Não há necessidade de apelar para um outro ser abstrato, uma vez que, ele sendo uma criação, não passa apenas de um desdobramento do próprio intelecto. O ser basta a si mesmo na medida em que, ao procurar a solução em Deus, está recorrendo a si. Daí surge a consequência prática do pensamento de Feuerbach: o ateísmo. Apenas através do ateísmo, da negação de qualquer deus ou de qualquer fenômeno

metafísico é que poderemos nos concentrar na humanidade, que poderemos nos concentrar na materialidade, que poderemos nos concentrar na *filosofia do futuro*.

O ateísmo leva ao materialismo, e vice-versa. Uma ideia, portanto, só pode ter valor de verdade enquanto for, ao mesmo tempo, sensível. “A realidade da ideia é, pois a sensibilidade, mas a realidade, a verdade da ideia - portanto - a sensibilidade é a verdade da mesma” (Feuerbach, 1987, p.78). A teoria materialista-realista de Feuerbach aponta para uma nova orientação do pensamento, ou melhor, para um abandono de antigos fundamentos abstratos e uma revisão dos fundamentos sensíveis. Este, talvez, seja um dos primeiros passos para uma *filosofia do futuro* apontada pelo autor. Como ele afirma:

O real na sua realidade efetiva, ou enquanto real, é o real enquanto objeto dos sentidos, é o sensível. Verdade, realidade e sensibilidade são idênticas. Só um ser sensível é um ser verdadeiro e efetivo. Apenas através dos sentidos é que um objeto é dado numa verdadeira acepção - e não mediante o pensar por si mesmo. O objeto dado ou idêntico com o pensar é apenas o pensamento (Feuerbach, 1987, p.79).

De acordo com essa via de pensamento materialista, só o real existe, só o concreto tem valor de verdade e o abstrato é apenas um desdobramento de uma base anterior, material. Deus só pode existir na medida em que houver algum ser que possa pensá-lo. A *filosofia do futuro* se propõe a fundar um novo tipo de filosofia. Por isso, um de seus pontos fundamentais se estabelece com uma incansável defesa da sensibilidade, do ateísmo, do materialismo e do altruísmo contra o egoísmo, a castração e a metafísica religiosa.

Podemos afirmar que é indispensável para um novo modelo de filosofia que ele comece pela realidade.⁶ “As categorias da nova antropologia são todas elas extraídas da existência humana, são explicitações de traços constitutivos dos homens concretamente existentes” (Serrão, 2009, p.25). O ateísmo traz como consequência o abandono de todas as representações metafísicas, dando espaço para uma reformulação dos parâmetros intelectuais baseados, não somente no pensar puro, mas também na sensibilidade (*sinnlichkeit*). “A nova filosofia começa com a proposição: sou um ser real, um ser sensível; sim, o corpo na sua totalidade é o meu eu, a minha própria essência” (Feuerbach, 1987, p.82).

Em *princípios da filosofia do futuro*, Feuerbach ainda defende que “o filósofo novo pensa em consonância e em paz com os sentidos” (Feuerbach, 1987, p.82). Esse tipo de pensamento nos revela, acima de tudo, uma quebra com a “tradição filosófica” que promove uma distinção, ou melhor, uma hierarquia, onde o intelecto (espírito, mente, razão) está separada do corpo e possui um maior grau de

⁶ Schmidt dedica um capítulo de seu livro *Feuerbach o la sensualidade emancipada* para falar sobre uma possível teoria feuerbachiana materialista do conhecimento, que começa com o sensível real e este possui um destaque tão grande quanto as categorias intelectualmente abstratas. Cf. Schmidt, 1976, pp. 75-83.

importância. A partir dos escritos de 1842, ano de publicação de *Teses provisórias para a reforma da filosofia*, Feuerbach se posiciona cada vez mais contra o dualismo imposto pela tradição filosófica (cf. Souza, 2009. pp.241-270). Não existe, na filosofia de Feuerbach, uma valorização do que é puramente abstrato, espiritual e intelectual e, muito menos, uma desvalorização da matéria. Há, outrossim, uma conjugação das duas instâncias de forma a propiciar uma correlação que explicita as diferenças entre cada uma. Dessa maneira, é possível afirmar uma supressão do dualismo moderno e religioso na filosofia de Feuerbach. Na obra de Feuerbach encontramos com clareza afirmações do autor que defendem a quebra dessa hierarquia, uma valorização e entendimento da sensibilidade como parte fundamental para nós e, principalmente, para o “novo homem” e a “nova filosofia”. “A filosofia nova reconhece a verdade da sensibilidade com alegria, com consciência: é a nova filosofia sinceramente sensível” (Feuerbach, 1987, p. 82).

Apesar da ideia de *princípios da filosofia do futuro* parecerem, à primeira vista, bastante utópicas, podemos perceber que Feuerbach não as projeta de forma mecânica. Outrossim, de uma forma direta mostra que essa reforma é de extrema necessidade e traz como únicas condições um abandono dos preceitos religiosos e metafísicos somados a uma revalorização do corpo, da sensibilidade e da materialidade. Um em consonância com o outro, um sendo consequência do outro.

A nova filosofia é a resolução plena, absoluta, não contraditória da teologia na antropologia; com efeito, é a solução da mesma não apenas, como a antiga filosofia, na razão, mas também no coração, em suma, no ser total e real do homem. Nesta acepção, ela é apenas o resultado necessário da antiga filosofia - pois o que uma vez é resolvido no entendimento deve, por fim, resolver-se também na vida, no coração, no sangue do homem - mas ao mesmo tempo, só ela é a verdade da mesma e, claro está, como uma verdade nova e autônoma (Feuerbach, 1987, p.95).

“O começo da filosofia não é Deus, não é o absoluto, nem o ser como predicado do absoluto ou da ideia - o começo da filosofia é o finito, o determinado, o real” (Feuerbach, 1987, p. 24). A filosofia deve começar pela base, pela matéria e se ater nela, num pensamento voltado para a vida e para o mundo. Podemos afirmar que para Feuerbach, a filosofia não se limita a uma mera abstração, uma mera descrição da realidade. A filosofia é viva, mutante, deve estar em movimento, ativa, ilimitada. A filosofia deve acompanhar a infinitude do conhecimento humano. Despojada de complexos argumentativos que não encaixam na realidade vivida e, ao mesmo tempo, preocupada e em constante luta política, cultural e intelectual. A filosofia proposta por Feuerbach está na não-filosofia, no sentido de uma negação constante do antigo modo de filosofar “sem os olhos”, apenas com a razão. “A nova, a única filosofia positiva, é a negação de toda a filosofia de escola [...], é a negação da filosofia como qualidade abstrata, particular, isto é, escolástica” (Feuerbach, 1987, p.32). Podemos entender o projeto filosófico de Feuerbach como algo sem precedentes,

que começa na negação de misticismos, personalismos e até mesmo do ateísmo enquanto um tipo de verdade absoluta e “aprisionadora”, e com o tempo vai se desenhando uma preocupação com a liberdade humana. O autor não está interessado em impor uma nova verdade ou um novo modo de viver, mas, antes de tudo, em tirar o indivíduo do modo de vida presente, desacorrentando-o de qualquer verdade dita como “incontestável”. O ateísmo que nega Deus, mas coloca um novo absoluto no lugar não é interessante, é apenas um novo tipo de teologia.⁷ Feuerbach aponta que esse tipo de pensamento é igualmente danoso ao homem e também precisa ser descartado. Nosso autor se colocará contra uma “filosofia de gabinete”, contra a filosofia como um ofício, exclusiva à figura do “pensador” e defenderá uma filosofia para todos, ou antes, uma “não-filosofia” que possibilite que todos possam pensar e viver a filosofia. O filósofo aconselha:

Não queiras ser filósofo na discriminação quanto ao homem; sê apenas um homem que pensa; não penses como pensador, isto é, numa faculdade arrancada à totalidade do ser humano real e para si isolada; pensa como ser vivo e real, exposto às vagas vivificantes e refrescantes do oceano do mundo; pensa na existência, no mundo como membro do mundo, e não no vazio da abstração como uma mônada isolada, como monarca absoluto, como um deus indiferente e exterior ao mundo (Feuerbach, 1987, p.94).

Pela própria conjuntura de sua filosofia, Feuerbach não sistematiza ou mostra em detalhes o que seria essa nova filosofia, essa nem parece ser sua intenção - nem a nossa. O autor defende, antes de tudo, uma ruptura. A *filosofia do futuro* só pode existir quando o antigo modo de pensar for deixado de lado. É certo que, mais do que propor planos e meios específicos para que se chegue num novo modelo, Feuerbach parece se preocupar com uma supressão da teologia, do racionalismo dogmático, do iluminismo e do idealismo pois, são os parâmetros utilizados por estes que fazem com que se deixe de lado um dos elementos mais importantes da nova filosofia: a materialidade. Sendo assim, não se pode cobrar algo não proposto em um sistema filosófico, Feuerbach não tem planos de especificar como ocorre a *filosofia do futuro*. O que pode ser encontrado - na maioria das vezes - são conselhos e princípios escritos de forma aforismática que nos mostram as possíveis consequências de uma negação metafísica. De qualquer maneira, não é difícil compreender onde nosso autor pretende chegar. Por mais que não existam passos e etapas expostas em seus escritos - obviamente não poderia existir uma regra e um modo perfeito de realizar um processo de tamanha complexidade - temos por certo que a *filosofia*

⁷ Em diversos escritos, Feuerbach - um dos nomes mais importantes dos chamados “hegelianos de esquerda” - tece uma crítica a Hegel e a todos os idealistas alemães. Para ele, mesmo quando esses filósofos não falam propriamente de Deus, criam e colocam em seu lugar uma nova figura metafísica, que não é nada mais do que o próprio absoluto disfarçado. Feuerbach mostra que mesmo nas filosofias ditas “racionais” ainda há a presença de um ente supremo e metafísico, ou seja, ainda existe teologia. Cf. Feuerbach, 2012.

do futuro necessita ser uma filosofia pensada para nós, comunitariamente, visando a nossa autonomia. “A nova filosofia faz do homem, com a inclusão da natureza, enquanto base do homem, o objeto único, universal e supremo da filosofia - faz, pois, da antropologia, com inclusão da fisiologia, a ciência universal” (Feuerbach, 1987, p.97).

Considerações finais

Ao mesmo tempo em que o pensamento de Feuerbach é leve e inspirador, ele traz consigo todo o peso e aflição da vida humana. Não é uma tarefa simples esperar que nos soltemos de todas as nossas amarras e preconceitos, mas é, antes de tudo, uma tarefa necessária. É possível afirmar que a maior herança do pensamento feuerbachiano é a liberdade, acompanhar os passos do nosso autor nos faz ver o mundo sob um novo ponto de vista, uma libertação de diversas concepções que nos puxam para trás e nos amedrontam. O medo de um castigo divino, o preconceito com o que é diferente, a repressão do instinto sexual, a não-vivência do corpo, entre outras coisas, são facilmente desprendidas de nós após um aprofundamento na filosofia feuerbachiana.

Depois de demonstrar que todo tipo de manifestação religiosa tem um princípio único, um fundamento que se encontra no ser humano, Feuerbach atenta para um engano tão antigo quanto a própria história humana. Um autoengano advindo da própria limitação humana que, por não ter desenvolvido um conhecimento tão claro sobre sua vida e sobre o funcionamento do mundo, cria - de forma inconsciente - um ser. Esse novo ser nada mais é do que suas próprias expectativas, vontades e sentimentos e nada mais demonstra a sua perspectiva, contexto e necessidades. A religião é um fenômeno que tem como base uma confusão ancestral, uma falta de conhecimento prévio sobre o mundo, sobre a natureza e sobre nós mesmos que faz com que tenhamos que imaginar um “outro homem”, mais potente, para resolver e fornecer respostas para essas confusões. Essas confusões são ilusoriamente resolvidas, pois se acredita que é o outro homem que está agindo, e assim, se dá sentido ao que não se consegue explicar - ou ao que realmente não possui sentido. Aqui, não se percebe a força da ação humana e adora-se um ser inexistente ao invés de se apostar na potência intelectual e sensível da humanidade. Este “outro homem” não existe. A não ser na própria imaginação do seu criador, mas o que só existe na imaginação não existe, é nulo. O problema da materialidade já se encontra, de certa forma, desde o princípio da religião. Quando adora indireta e inconscientemente um ser antropomorfizado (como nas religiões “pagãs”), nega a dimensão corporal humana, toda sua limitação e finitude. E mesmo quando adora a natureza, através de religiões naturais, atribui características humanas a ela ou tenta controlá-la a partir de um

deus.

A negação da materialidade ganha dimensões maiores e mais perigosas quando há a transformação desse simples autoengano, ou sentimento religioso, em uma *inversão teológica*. Aqui, Deus vira pai, redentor e possuidor de todas as perfeições. A ideia de um deus único é a ideia de um deus pessoal, mas que não se identifica com o sujeito enquanto indivíduo, mas enquanto gênero. Todas as qualidades que o homem projetara em seu deus, agora pertencem originalmente a ele e, agora, ele é quem projeta suas qualidades na humanidade. O papel de sujeito da criação passa a ser um predicado, uma extensão criativa da benevolência e vontade de Deus que, agora, possui uma lei própria, uma ética própria e um modo próprio de beneficiar seus seguidores e penalizar àqueles que lhe desobedecem. A partir dessas regras, há um novo jogo, onde quem enfrenta as contradições e transtornos gerados pela natureza e pela vida, é recompensado. “os humilhados serão exaltados” (Mateus 23:12). O paraíso e a vida eterna são os maiores desejos do cristão, uma vez que representam uma natureza fora da natureza e uma vida totalmente sem “tentações”. Nesse momento, o papel de Feuerbach é o de nos mostrar a crueldade das consequências das ações teológicas, uma vez que faz com que o indivíduo se prive, se negue, se mortifique, se envergonhe e se aliene para agradar a Deus, para ser como Deus, para ser agraciado por Deus e - não menos importante - para não ser punido por Deus. As ideias da teologia cristã vão contra a ideia de um corpo, de uma valorização material, de uma proteção à natureza. Toda a materialidade é aqui rechaçada; tudo o que lembra finitude, imperfeição e inacabamento é considerado menor que os “bens divinos”. Toda a dimensão corporal e natural é negada com vistas à uma ilusão.

Feitos os devidos esclarecimentos e denúncias, a filosofia de Feuerbach transforma-se numa luta pela quebra total de laços com os pensamentos anteriores e um apelo para o surgimento de um novo ser humano, de uma nova sociedade, de uma nova filosofia.

A *filosofia do futuro* só tem total sentido dentro de uma prática a-religiosa, num futuro ateu que fará com que o sujeito pare de correr atrás de espectros metafísicos imaginários e se concentre em si, na sua capacidade, na sua liberdade, na sua felicidade. A *filosofia do futuro* só possui total sentido na realidade, na vida terrena em conjunção com a natureza. É o aprendizado do conviver consigo, entender a si mesmo como um ser finito, de necessidades e limitações, mas que respeita, preserva e se relaciona com a natureza da melhor forma possível. A *filosofia do futuro* só tem completo sentido na comunidade, na relação com o outro, na união, na negação do individualismo religioso e na afirmação do amor. A filosofia do futuro reside na não-filosofia, na negação de uma racionalidade cega, na harmonia entre sensibilidade e razão, corpo e mente, fora do racionalismo inconsequente que cria dualismos disruptivos. A nova filosofia de Feuerbach é um convite para a liberdade,

para a emancipação, para a vida. Ele é o tipo de filósofo que chama, que luta, que clama para que nos libertemos, para que sejamos cada vez mais humanos.

Referências

- Bíblia. (2009). *Bíblia sagrada: edição catequética popular*. São Paulo, SP: Ave-Maria.
- Chagas, Eduardo F. (2009). A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach. In: Chagas, E., Redson D., de Paula, M. (Org.). *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach* (pp.37-65). Fortaleza: edições UFC.
- Feuerbach, L. (1987). *Princípios da filosofia do futuro*. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70.
- Feuerbach, L. (2009). *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução de José da Silva Brandão. Rio de Janeiro: Vozes
- Feuerbach, L. (2009a). *A essência do cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão. Rio de Janeiro: Vozes
- Feuerbach, L. (2012). *Para a crítica da filosofia de Hegel*. Tradução de Adriana Verissimo Serrão. São Paulo: Liber Ars
- Schmidt, A. (1975). *Feuerbach o la sensualidad emancipada*. Tradução de Julio Carabaña. Madri: Taurus.
- Serrão, A. (2002). Apresentação. In: Feuerbach, Ludwig. *A essência do cristianismo*. p. 9-25 .2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Serrão, A. (2009). Feuerbach e a apoteose da vid. In: Chagas, E., Redson D., de Paula, M. (Org.). *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC.
- Souza, J. Feuerbach, crítica da religião, crítica da modernidade. In: Chagas, E., Redson D., de Paula, M. (Org.). *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC.

Recebido em: 02.09.2023

Aceito em: 21.11.2023

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

